

ESPÓLIO DE UM POETA: CASAIS MONTEIRO E O BRASIL

A POET'S ESTATE: CASAIS MONTEIRO AND BRAZIL

Rodrigo Michell ARAUJO¹

RESUMO: Este artigo pretende analisar algumas correspondências pertencentes ao espólio do poeta e crítico Adolfo Casais Monteiro, manuscritos que estão atualmente afixados na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa. O que buscarei evidenciar neste trabalho são algumas implicações que o apelo à sinceridade deixa na materialidade do *corpus* de Casais Monteiro. Procurarei, assim, compreender alguns elementos essenciais que estão em causa na relação profícua que o autor estabeleceu com o Brasil e com os poetas brasileiros. A partir do cotejo de algumas cartas de poetas como Manuel Bandeira e Drummond, elaboro a hipótese da viabilidade de um sentido ontológico da sinceridade, que é partilhada não só por Casais, como também pelos poetas com quem trocou correspondência. Com isso, sustentarei o argumento da viabilidade de uma mútua valorização da sinceridade como força vital, o que permite novas reflexões sobre as relações entre as literaturas portuguesa e brasileira, em um momento modernista de aparentes desencontros apontados pelos críticos.

PALAVRAS-CHAVE: Adolfo Casais Monteiro. Brasil. Espólio.

ABSTRACT: This article intends to analyze some correspondence belonging to the estate of the poet and critic Adolfo Casais Monteiro, manuscripts that are currently secured at the National Library of Portugal, in Lisbon. What I will try to highlight in this work are some implications that the appeal to sincerity leaves in the materiality of Casais Monteiro's *corpus*. I will therefore try to understand some essential elements that are at stake in the fruitful relationship that the author established with Brazil and with Brazilian poets. From the comparison of some letters from poets such as Manuel Bandeira and Drummond, I hypothesize the viability of an ontological sense of sincerity, which is shared not only by Casais, but also by the poets with whom he exchanged correspondence. With this, I will support the argument of the viability of a mutual appreciation of sincerity as a vital force, which allows new reflections on the relations between Portuguese and Brazilian literature, in a modernist moment of apparent disagreements pointed out by critics.

KEYWORDS: Adolfo Casais Monteiro. Brazil. Estate.

É fato incontornável que a atividade crítica dominou a cena literária portuguesa pelo menos nos três primeiros decênios do século XX. Revistas como *A Águia*, fundada em 1910 por Álvaro Pinto, passaram a reunir autores que de algum modo tiveram contato com o debate finissecular em torno da nação e que agora se viram na tarefa de afirmar o “modo de ser” português não apenas para a Península Ibérica e Europa, mas também para o próprio

1. Doutor em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, e doutorando em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Brasil. E-mail: rodrigo.literatura@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0473-3995>.

português, como é o caso de Teixeira de Pascoaes que, ao dirigir o periódico supracitado em 1912 e ao fazê-lo o principal veículo do movimento intitulado “Renascença Portuguesa”, empreendeu uma tarefa de “criar um novo Portugal, ou melhor ressuscitar a pátria portuguesa” (PASCOAES, 1912, p. 1) com vistas àquilo que buscou compreender como a **alma portuguesa**. Também Fernando Pessoa, antes de romper intelectualmente com o grupo, procurou nas páginas de *A Águia*, pela via da alma, encontrar ao menos um sentido do que entendeu como a “vitalidade de uma nação” (PESSOA, 1912, p. 102) decerto perdida e que precisava, como oportunamente colocou Eduardo Lourenço em seu célebre ensaio de 1978, encontrar o seu “destino”, mesmo que traumático².

Vale destacar que também outros periódicos, literários ou não, deram ênfase na promoção de uma ação do pensamento sobre a situação da República, instituída em 1910, como foi o caso da *Seara Nova* que teve um Raul Proença como porta-voz na tentativa de radiografar os dilemas nacionais e de “encontrar o vírus profundo de nossa degeneração” (PROENÇA, 1921, p. 48). A estas e outras revistas estiveram ligados intelectuais que participaram ativamente da vida literária portuguesa deste primeiro momento secular; em seu entorno o intuito foi formar um intenso movimento que, não obstante as demandas internas do modernismo, procurou dar a tônica dos “imperativos morais e estéticos” (LOURENÇO, 2017, p. 457) assentes no discurso de uma crítica por vezes carregada de animosidade, como se pode acompanhar em algumas páginas e no entorno da revista que mudaria o destino de Adolfo Casais Monteiro, que é a *presença*³, e que levou como subtítulo “folha de arte e crítica”. Assim, as revistas atuantes na primeira década do século XX português viabilizaram não apenas a promoção de uma ação do pensamento de ordem ética e estética, como também articularam os horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal, o que tornou possível, nas palavras de Celeste Natário (2007, p. 33), “levar a sociedade portuguesa ao encontro do mundo moderno”.

Afora os entraves com o grupo neorrealista, de fundo bergsonista, a revista *presença*, que se efetivou como responsável pelo segundo momento modernista, foi o espaço para as intensas reflexões de José Régio e João Gaspar Simões, em que as “polêmicas”, seja nas respostas às provocações ou na reparação de pontos de vistas, ganhavam corpo, assumindo um *status* de gênero aos moldes de uma crítica judicativa que também se fazia muito atuante entre os críticos. Nas palavras de Eduardo Lourenço (2013, p. 159), a crítica se imbuía de uma “vontade de ter razão”, sobretudo um tipo de crítica positivista, que tem um António Sérgio como representante capilar, quando não, em última instância, uma crítica racionalista que se afiançava na “ciência como eixo central” (REAL, 2011, p. 188). Assim, preliminarmente a *presença*, sobretudo com

2. Faço referência ao ensaio “Psicanálise mítica do destino português”, presente em *O labirinto da saudade*, onde o autor localiza os traumas do passado português para, a partir daí, procurar “esse outro desconhecido que somos nós mesmos” (LOURENÇO, 2013, p. 66).

3. Vale destacar que, a partir do seu quarto número (maio de 1927), a revista passa a assinar *presença*, com “p” minúsculo, levando a estampa até o seu último número, em 1938. Deste modo, para manter a coerência com o sentido da revista, referenciamos o periódico a partir daqui também com a consoante minúscula.

Gaspar Simões, o mais enérgico, deixa um legado do crítico como uma personalidade a ser temida por uma comunidade literária. Parece-me, portanto, correta a colocação de Jacinto do Prado Coelho (1976, p. 261) ao afirmar que “em Gaspar Simões encontramos a defesa polêmica do impressionismo, uma desconfiança de franco-atirador [...]”.

Com efeito, *presença* pôde desenhar e redefinir novos cenários. A meu ver, a crítica que se forma na década de 1930⁴, não obstante o polemismo promovido por alguns de seus integrantes, sobretudo contra o primeiro modernismo e os homens de *Orpheu*⁵, procurou, no centro da *presença*, decerto encontrar uma autêntica expressão, e é a **sinceridade** a linguagem a ser adotada – daí o projeto da revista coimbrã ser o de procurar “no interior do homem a genialidade **sincera** do indivíduo” (REAL, 2011, p. 179, destaque meu) como forma de ressuscitar uma “literatura portuguesa [que] exprime muito, mas na realidade nada diz” (SIMÕES, 1927, p. 1), ou seja, que não se confine na experimentação do bergsoniano **eu profundo**, mas que encontre um modo autêntico de comunicá-lo. Em síntese, a questão da sinceridade vai além do temático para o grupo *presencista*, é a questão estruturante não apenas da expressividade, mas a linha de força principal do que Miguel Real classifica como “linha modernista”, isto é, o “magistério teórico da *Presença* pelas obras de José Régio e Casais Monteiro, e pelo labor crítico e biográfico de João Gaspar Simões” (REAL, 2011, p. 281).

Ora, a própria trajetória poética e intelectual de Casais Monteiro se emparceira com a história da *presença*, revista que vai dirigir a partir do n.º 33 de 1931, e que também irá colaborar ativamente, seja no verso ou na prosa, fazendo circular suas principais ideias estéticas e concepções filosóficas. Vale destacar como exemplo o caso da problemática razão e/contraintuição, que figura o longo ensaio “Poesia: intuição e razão”, datado de 1937 e que foi publicado na segunda série de 1940; neste texto, o autor demonstra, desde já, uma carência do pensamento dito filosófico pressentida na crítica, uma “falta de nitidez que entre nós é habitual ao tratarmos-se problemas filosóficos” (MONTEIRO, 1940, p. 110), sugerindo uma crítica que **interseccione** o poético com o filosófico, o que resulta numa crítica também ela criadora – questão também corroborada por Jacinto do Prado Coelho (1976, p. 265, destaque meu), pois “em Casais Monteiro, a crítica literária [é] **uma forma** de arte”.

Embora seja tentador o cotejo mais detalhado da relação fusional entre a filosofia e a poesia nos textos de Casais, ou o modo como a crítica literária equaciona o domínio filosófico e a

4. Período entendido por Miguel Real como “os anos da crítica”. Cf. Miguel Real, *O pensamento português contemporâneo*, capítulo “1930-1945: os anos da crítica” (2011, p. 277).

5. Muito já se falou sobre a continuidade e/ou ruptura da *presença* em relação à *Orpheu* e ao primeiro modernismo, quase sempre em uma tentativa de concordar ou refutar o célebre ensaio de Eduardo Lourenço, “‘Presença’, ou a contra-revolução do modernismo”, da década de 1960. Por hora, acredito que a seguinte colocação de Fernando Cabral Martins seja suficiente para destacar o lugar da *presença* frente ao acento vanguardista do primeiro momento modernista português: “Não se trata, portanto, de uma domesticação da violência vanguardista, vertida no molde de uma psicologia mais ou menos freudiana que a tornasse utilizável pela nova geração. Trata-se de um entendimento mais profundo dela, retirando o acento posto na interioridade do eu perdido e recuperado, e apontando antes para a espacialidade do contacto físico com uma intensidade” (MARTINS, 2011, p. 92).

obra de arte⁶, quero me valer desta aproximação não instrumentalizada apenas como um ponto de partida. Acredito que a palavra crítica do autor de *Poemas do tempo incerto* se estrutura nessa base interseccional em que o poético **deseja** o filosófico, sem dele depender ou ser irreduzível, o que me permite afirmar a viabilidade de um pensamento poético-filosófico em Casais Monteiro capaz de corporizar a estrutura básica da **sinceridade** enquanto expressão de todo artista – algo que parece ter herdado de José Régio.

Por vezes adotando uma postura crítica análoga a de Maurice Blanchot, isto é, na aproximação de autores, pelo ensaísmo, como tentativa de aproximar-se de si mesmo, Adolfo Casais Monteiro entendeu a sinceridade como uma linguagem que tanto o crítico quanto o artista devem se valer como condição *sine qua non* para a **autenticidade** e **originalidade**. Estes dois temas perfilam páginas e pensamento do autor, sendo demonstrável em seus diversos ensaios publicados nas imprensas portuguesa e brasileira que tanto colaborou, o que pode definir de certo o seu próprio **estilo** – que, segundo o relato memorialístico de Paulo Rónai (1981, p. 62), era para Casais algo “mais do que o conjunto dos acessórios, imagens e figuras catalogados nos manuais”. A meu ver, era imprescindível a Casais apreender os temas supracitados para além da figura de estilo, segundo Rónai, pois advinha daí a própria tentativa do autor de defender os “valores” presencistas, como o faz em uma série de artigos em defesa da poesia, publicados na *Seara nova* em 1942. Afinal, a sinceridade presencista melhor traduziu aquilo que Casais Monteiro entendia como “individualismo lírico e interiorista” (MONTEIRO, 1942, p. 57) dos poetas de *presença*, tão duramente criticado por vozes que, de algum modo, alimentaram a própria “crise” da revista na década de 1940.

Crítico e poeta se encontram e se confundem, pois a sinceridade pode ser decerto o dispositivo fundamental pelo qual o homem se utiliza para **comunicar** as dimensões da inquietação do seu tempo presente e que o empurra a “viver constantemente no vértice da onda”. (MONTEIRO, 2004, p. 147).

A partir de uma visita ao espólio do autor, que atualmente está afiançado na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, o que buscarei evidenciar neste artigo são algumas implicações que esse apelo à sinceridade deixa na materialidade do *corpus* de Casais Monteiro. Procurarei, assim, compreender alguns elementos essenciais que estão em causa na relação profícua que o autor estabeleceu com o Brasil e com os poetas brasileiros. Consideradas algumas

6. Para mais, vale conferir o ensaio “Tendências predominantes da crítica”, publicado na revista *O Tempo e o modo*, na primeira série de 1966 em um número especial intitulado “A crítica”, em que Casais Monteiro, ao partir em defesa da autonomia da obra de arte, alerta para o perigo de uma “aplicabilidade” de conceitos ao se fazer a crítica; cito: “A crítica tem que partir da literatura, melhor: do conhecimento de **cada obra literária** – e não ‘descer’ a ela *a partir* de pressuposições de qualquer espécie que seja” (MONTEIRO, 1966, p. 632, negrito e aspas do autor, itálico meu). Por fim, também é digno de nota sublinhar que neste mesmo volume especial da revista lisboeta encontra-se um ensaio de Eduardo Lourenço, “Crítica literária e metodologia”, em que a confluência entre o filosófico e o literário é mais efetiva – reflexo da própria atividade “híbrida” de Lourenço. Neste texto, o autor de *O labirinto da saudade* põe o pensamento filosófico no radar de interesse da crítica literária que busque compreender “a agonia permanente da realidade humana e da palavra que a configura” (LOURENÇO, 1966, p. 564) que está em causa no centro da própria Literatura. Só muito posteriormente o ensaio veio a ser publicado, em 2017, no volume *O canto do signo: existência e literatura (1957-1993)*, pela editora Gradiva.

cartas de poetas como Manuel Bandeira e Drummond, o que proponho são leituras acerca de um pensador, poeta e crítico que levou às últimas consequências a dedicação às literaturas brasileira e portuguesa.

Casais e o Brasil

Pese o fato de que é a partir de 1926 que se inicia a ditadura salazarista com um golpe militar, cerceando ao extremo um país ainda rural, o tempo não era nem de liberdades e nem de direitos assegurados. Assim, a cena literária, sobretudo por meio dos poetas, se revezava entre o “barulho estético” do primeiro modernismo nas revistas literárias e o “barulho filosófico” nas revistas de ideias e cultura.

Diante disto, a problemática da liberdade invariavelmente perfila as páginas e as ideias de um crítico que foi preso em 1937, no Porto, e em seguida foi proibido de lecionar e de ter seu nome vinculado em qualquer página pública. Demonstro-a com o curioso caso do convite para Casais Monteiro dirigir, em 1946, a revista *Mundo Literário*, mas assim o fez clandestinamente, por causa da proibição, o que fez o periódico sair com um espaço em branco no nome da direção. Na extensa correspondência, o autor também deixa evidente a sua inconformação com um país de “absurdos”⁷. Neste sentido, é válida a tese de Carlos Leone (2009, p. 23) de que “a singularidade do século XX português encontra-se na vinculação do velho tema da modernização pela europeização à radicalização da experiência exílica” – o que, a meu ver, parece dar corpo a um pensamento estrangeirado, radicado nesses intelectuais (poetas, professores) forçados a emigrar.

Embora já tendo argumentado em outro momento que, em Casais Monteiro, a questão do exílio (enquanto saída, ou seja, como uma implicação política), não pode ser vista de maneira unilateral, uma vez que já nos primeiros poemas do autor de *Confusão* se pode perceber um sentimento de **estrangeiridade**⁸, é incontornável a materialização do desnivelamento com a “sua” realidade.

Em seu espólio, podemos localizar uma curiosa carta de Sophia de Mello Breyner Andresen – outra poeta que também partilhou as mesmas agruras de seu tempo – endereçada a Casais, em que, após convidá-lo a colaborar com a revista *Távola Redonda* – para a qual Sophia e Casais colaboraram nos anos 1950 –, pede para que Casais a responda com algum cuidado, demonstrando que o cerceamento que o poeta sofreu foi amplo; diz Sophia (195?, não paginado): “Escreva com prudência quando responder. A PIDE parou há tempos uma revista à minha casa e levou todas as cartas do Jorge de Sena”⁹.

7. Os seus ensaios políticos estão reunidos em um volume que leva justamente o título *O país do absurdo*, impresso em 2007 pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda e organizado por Carlos Leone.

8. Cf. Araujo, 2022, p. 67-79.

9. Transcrição de trecho de carta de Sophia de Mello Breyner Andresen a Casais Monteiro, depositada na Biblioteca Nacional de Portugal, com o registro de entrada nº E15/301. A partir daqui, indicarei no rodapé o número da cota correspondente ao manuscrito de seu espólio.

É certo que a “prudência” exigida por Sophia está direcionada à “filosofia da sinceridade” que Casais Monteiro adota para si, pois o homem sincero, para o poeta, não pode adotar a neutralidade diante da incerteza existencial. Dois exemplos nos bastam para demonstrarmos a posição de Casais. Primeiro, no texto “O crime de discordar e o direito de ir para a cadeia”, publicado originalmente em *O Estado de S. Paulo*, em novembro de 1958, em que se observa – como em muitos outros textos de tom político e que compõem o volume *O país do absurdo*, do qual citamos apenas um exemplo – um tom claro e denunciativo contra o Estado Novo português: “Sim, o crime é ter opinião, ou melhor: é desafiar a vaidade sempre insatisfeita do Sr. Salazar. [...] O que ele quer é o silêncio do adversário” (MONTEIRO, 2007, p. 39). Já o segundo exemplo trata de um caloroso embate do poeta português com o crítico literário pernambucano Fausto Cunha. Em uma obra de 1964, *A luta literária*, Cunha simplifica o primeiro modernismo brasileiro em termos de um afastamento consciente da literatura brasileira frente à portuguesa, sob a alegação de “estagnação” da literatura portuguesa e sob a acusação de que “num regime totalitário, o poeta que faz poesia ‘pura’ é um traidor” (CUNHA, 1964, p. 24, aspas do autor). Em resposta à provocação de Cunha de que, em tempos totalitários, é traidor todo aquele poeta que não faz poesia social “engajada”, Casais publica n’*O Estado de S. Paulo*¹⁰, em março de 1965, sua refutação: “É extremamente ridículo apreciar os valores poéticos como se se tratasse da Copa do Mundo. A discussão sobre quem é o ‘melhor’ tem um ranço inadmissível numa discussão séria” (MONTEIRO, 1965a, p. 42, aspas do autor). Com esses exemplos, quero evidenciar o entendimento anti judicativo que Casais Monteiro tem da própria crítica literária, alinhado com o entendimento da sinceridade e da autenticidade partilhado pelos membros da *presença*.

Serão as correspondências e os jornais os veículos propriamente utilizados por Casais para se defender, o que para ele não se constitui propriamente em “ataque”, como se lê no texto “Desvairados dum crítico”¹¹, de 1939: “Há quem me tenha censurado por vezes o tom em que ataco; são os que se esquecem de que afinal me defendo” (MONTEIRO, 1939, p. 209). Defesa ou ataque, a palavra explosiva de Casais Monteiro não deixa de trazer em si a galhofa, como se vê em uma carta a Alberto de Serpa sobre assuntos de tradução de poemas: “Já que me pergunta por ‘obra nova’, tenho – um romance. Talvez você queira editar: chama-se ‘No país dos sacanas’. Lindo título, não é?” (MONTEIRO, 1952, não paginado, aspas do autor)¹².

Leio a geração de Casais (e tantos outros) como tempo de incertezas, o que me levou a centralizar a problemática em minhas atuais pesquisas na obra do autor. Por incerteza, compreendo algo que sempre nos escapa das mãos, que tanto materializa a imprecisão quanto po-

10. Há três textos que *O Estado de S. Paulo* publica neste mês de março e que dizem respeito à mesma problemática envolvendo Fausto Cunha: um, do dia 13/03/1965, intitulado “Poetas ou traidores?”, outro no 20/03/1965 e intitulado “Ainda a traição dos poetas”, o qual faço a referência acima, além de outro no dia 27/03/1965, “Ponto final sobre os poetas traidores”.

11. A versão citada foi publicada no nº 611 da *Seara Nova*. Entretanto, há uma versão manuscrita deste texto no espólio do autor, sob a entrada nº E15/4867.

12. Carta de 7 de abril de 1952. Entrada nº E15/110.

tencializa o indefinido, quase sempre utilizando a indiferença como metodologia. Pressentir a incerteza é estar suspenso, ou, numa maneira pascoaesiana de interpretar a questão, quer dizer o deslocamento do Tempo. Por isso, invariavelmente o incerto se mostra como esboço.

Se destaco a incerteza como questão relevante no *corpus* do autor, é por acreditar que este horizonte nos fornece elementos importantes para compreendermos o interesse crítico de Casais Monteiro pela poesia brasileira, demonstrado a partir das correspondências trocadas. Nesse sentido, tomo a liberdade de me valer de algumas concepções da ontologia, nomeadamente o sentido de possibilidade, para propor, como hipótese, a viabilidade de um sentido ontológico da sinceridade que é partilhada não só por Casais, como também pelos poetas com quem trocou correspondência. Se a hipótese tiver validade, novas estratégias de leitura poderão ser efetuadas no *corpus* do autor, sobretudo na consideração da incerteza como questão fundamental.

Como um ramo da Metafísica geral, a ontologia formalmente se debruça no sentido do Ser em geral a partir de uma metodologia que visa o “primado da essência” (GILSON, 2016, p. 59). Mas não entendamos “Ser” como algo participial, uma entidade, e sim como o dizer, através do pensar interrogante, da essência e da existência, no momento de “agoridade” do agora em que o jogo de (des)velamento se constitui, pois é nesse horizonte que, para a ontologia, o fundamento de possibilidade e de liberdade (do ser) aparece. Com a ontologia, interessa-me sobretudo a leitura da incerteza como algo que é constitutivo da estrutura base do Ser. Para isso, apoio-me em uma colocação de Mafalda de Faria Blanc (1999, p. 14, destaque meu) sobre o fundamento de possibilidade do *Dasein* (Ser-aí no mundo) que, acredito, acaba por dizer a incerteza: “Desapegados do passado, **sem a segurança das certezas** e dos haveres, dispomo-nos a enfrentar com liberdade e determinação os desafios do presente e, sorvendo a fundo a frescura do novo dia, sentimo-nos nascer de novo”.

Ontologicamente falando, entendo que a sinceridade **garde** o fundamento de possibilidade que é inerente à estrutura do Ser, ao mesmo tempo em que **garante** a manutenção da liberdade para a qual o ser-aí se projeta e se lança no mundo fático. Minha hipótese é de que a sinceridade está em causa tanto no interesse de Casais para com os poetas brasileiros quanto no inverso. Essa valorização mútua da sinceridade como força vital nos permite, portanto, repensar as relações entre as duas literaturas para o período em questão, além de averiguar como valores presencistas (sinceridade) podem articular essa aproximação.

Na relação de Casais com a poesia brasileira, sabe-se que, desde 1929, foi por intermédio de Ribeiro Couto que o poeta de *Europa* teve contato com a poesia de Cecília Meireles, Jorge de Lima, Manuel Bandeira e outros, fazendo-os circular nas páginas de *presença*, cumprindo aquilo que Leyla Perrone-Moisés (2003, p. 56) chamou de “predestinação nos rumos de sua existência”, embora, segundo a crítica, tenha sido uma relação mais “amável” quando existia a distância.

Em uma visita pelo espólio de Adolfo Casais Monteiro no ano de 2020, imediatamente a seguir à conclusão de um doutoramento em Portugal dedicado à poesia de Teixeira de Pascoaes, encontrei naquelas páginas um caminho que certamente precisava trilhar em termos de

investigação científica para o futuro. Nas cartas endereçadas a Casais, sem dúvida me chamou a atenção uma correspondência de Carlos Drummond de Andrade de julho de 1949¹³, sobretudo pelas indicações que ela contém; nela, o poeta mineiro agradece o envio de *Simple canções da terra*, sexta obra poética de Casais Monteiro, publicada no mesmo ano da correspondência. Além disso, indica os poemas que mais gostou de ler, como “Pobre palavra vã”, e em seguida afirma que “são dos poemas, que eu já li, mais frementes de emoção humana; mais altos, mais terríveis” (ANDRADE, 1949, não paginado).

Embora Casais tenha explorado, pelo menos nos três primeiros livros de poesia, um terreno da perda do sujeito como um outro caminho de busca de um mundo desencantado, o que ganha aderência com a poesia moderna, em *Simple canções da terra* pode-se perceber uma procura de equilíbrio entre os mergulhos intimistas do eu profundo e o mundo exterior, de modo que esse ponto interseccional parece decerto equacionar as tensões entre o interior e o exterior. Acredito que o elogio de Drummond faz realçar justamente o ponto equacional em que a língua da sinceridade se deixa falar e que sabiamente o poeta parece ter pressentido nos versos monteirianos. Também Leyla Perrone-Moisés (2003, p. 56) sugere a viabilidade desse lugar interseccional na poesia de Casais Monteiro, ou seja, “os pontos nevrálgicos [...] em que as grandes linhas se chocam: materialismo e idealismo; engajamento político e autonomia da arte; modernidade e tradição”.

Com *Simple canções da terra*, estamos definitivamente próximos daquilo que inicialmente Adolfo Casais Monteiro viu nos poetas brasileiros recém descobertos e que materializou no seu célebre ensaio “Notas sobre poetas novos do Brasil”, publicado em 1932 na *presença*, iniciando um ciclo luso-brasileiro na revista portuguesa; a tese que Casais formula sobre a poesia de Ribeiro Couto é a seguinte: “Pelo mais sincero conhecimento de nós-próprios atingimos a intimidade com os seres e as coisas” (MONTEIRO, 1932, p. 14).

Nesse sentido, o que proponho como estratégia de leitura é a viabilidade de uma aderência dos versos de “Pobre palavra vã” não só com os fundamentos presencistas, como também com a própria poesia de Drummond, ou pelo menos daquele Drummond de 1945 de *A rosa do povo*, em que o leitor também pode perceber uma “fratura” do eu com **o fora**, blanchotianamente falando. Vejamos os versos de *Simple canções da terra* (1993, p. 143): “Agora ouvis, ó homens cegos / agora que já é tarde / a queixa imensa que paira / para sempre sobre o mundo? [...] Mas ouvis só a voz passada / sois moucos para o presente / que a todo o instante prenuncia / para amanhã novos tiranos”.

Não obstante o tom nietzschiano da queixa do sujeito lírico para uma multidão, os versos do poema de Casais Monteiro, além de despertarem a admiração do poeta de *Claro enigma*, convidam para um exercício comparatista com o próprio chamamento do “mundo” que há na poesia de Drummond, uma vez que só é possível, em um tempo caduco, lutar com as palavras, “sem armas”, como dirá o poema “A flor e a náusea”¹⁴, ou ainda, “com as armas da ‘poésie pure’, aprendidas em

13. Carta de 31 de julho de 1949. Entrada nº E15/62.

14. Cf. Drummond, *A rosa do povo*, 2015, p. 106.

Mallarmé e Valéry, dando um curto-circuito na poesia participante” (WISNIK, 2005, p. 26, aspas do autor). Talvez estejamos próximos da noção de “intimização” pensada por Casais Monteiro (1932, p. 14) no texto sobre os poetas novos brasileiros e publicado na *presença*, isto é, a forma como o homem comunica, intimamente, sua interioridade com a realidade exterior.

Junto com Drummond, outros autores vêm se somar no espólio do autor ao que chamo de **mútua valorização do fundamento da sinceridade como expressão poética**. Também Manuel Bandeira merece destaque, já que seu nome se constitui um capítulo especial na trajetória de Casais Monteiro, desde a leitura impactante que teve de *Libertinagem*, entrevedo naqueles versos o **autêntico** sentido de liberdade que o fará se dedicar ao lirismo bandeiriano com largos ensaios que ocuparam a década de 1930 e seguintes. Das diversas correspondências que têm Bandeira como destinatário, uma delas sem dúvida me chamou a atenção; trata-se de uma carta não datada¹⁵ em que o poeta de *Carnaval* faz uma rápida síntese dos primeiros títulos de poesia de Casais Monteiro, vendo neles uma unidade aderente à própria trajetória do autor, o que em termos monteirianos poderíamos afirmar ser a sua **autenticidade**:

Acho porém que você foi um tanto injusto consigo mesmo atribuindo à *Confusão* excesso de rigidez, e a *Tempo incerto* desequilíbrio e deliquescência. Sem dúvida os versos de *Sempre e sem fim* revelam o poeta em pleno amadurecimento, mas vejo desde *Confusão* uma só linha nítida e bem pessoal: afinal você é o “sempre-mesmo”, isto é, o meu querido Adolfo Casais Monteiro, poeta de fina sensibilidade e inconfundível expressão (BANDEIRA, 1932a, não paginado, aspas do autor).

O olhar de Manuel Bandeira é atento, pois desde logo percebe que o que se está em causa na obra de estreia de Casais é decerto uma inviabilidade de uma forma regular em prol do fragmentário, o que implica uma outra inviabilidade, a de um sujeito lírico centrado, o que de fato torna a poesia de Adolfo Casais Monteiro moderna. Ao identificar uma unidade no itinerário poético do amigo português, coerente com a própria personalidade de Casais, Manuel Bandeira nos envia para aquilo que venho insistindo como uma das problemáticas fundamentais do *corpus* monteiriano, que é a crise das certezas, pressentida na superfície do horizonte textual.

Com a carta de Bandeira, podem-se cotejar algumas questões, como a positiva recepção e circulação da poesia de Casais neste momento em que o autor português ainda não se exilou no Brasil, como também a afinidade entre ambos os poetas. Parece-me justa a metáfora de uma “fonte” que jorra uma límpida poesia, utilizada pelo autor de *Belo Belo* para caracterizar a poesia de Casais Monteiro e pode nos servir aqui para apresentar a poesia de ambos. Em um bilhete avulso sem data (talvez de 1935 ou próximo disto, por estar entre outros documentos do mesmo ano)¹⁶, o poeta pernambucano afirma que “*Sempre e sem fim* continua a jorrar a límpida nascen-

15. Entrada nº E15/381.

16. Entrada nº E15/382.

te de poesia que já deu, para nossa delícia, *Confusão, Correspondência de família e Poemas do tempo incerto*” (BANDEIRA, 1937b., não paginado).

Já na fase de exílio, a partir de 1954, algumas curiosidades se deixam entrever no espólio do autor, sobretudo aquelas que materializam o esforço hercúleo pela transformação e pela colaboração no ensino de Letras no Brasil, tipificando aquilo que Antonio Candido (2003, p. 15) entendia como “missão portuguesa”¹⁷.

No grande acervo que constitui o arco temporal da década de 1960, observa-se que boa parte das correspondências do período tem relevância. Nela se compreende, por exemplo, que não dá para falar de Casais Monteiro no Brasil sem falar da constituição do Instituto de Letras da atual Universidade Estadual de São Paulo, *campus* de Araraquara, onde Casais depositou seus maiores esforços.

Data de outubro de 1965¹⁸ uma correspondência ao diretor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Doutor Rafael Lia Rolfsen, em que solicita a criação de cadeiras como (i) Língua grega, aprovada dois meses depois, (ii) Cultura brasileira, aprovada no ano seguinte, e (iii) Língua e literatura francesa, onde se anexa um longo dossiê de justificativa. Aqui Casais já assina como “Chefe do Departamento de Letras”.

Ao mesmo diretor Rafael Lia, em novembro do mesmo ano, Adolfo Casais Monteiro (1965b, não paginado) elabora um documento com diversas queixas:

Quando, em 1962, assumi a regência da cadeira de Teoria da Literatura, então criada, apresentei uma lista de obras necessárias [...]. A deficientíssima biblioteca quase nada possuía, então, no ramo da Teoria da Literatura, pois mesmo o seu fundo de obras de e sobre as principais literaturas é muito deficiente. Coube-me, creio, uma verbazinha de 50.000 CR., que não deram para a cova dum dente, como se diz na minha terra natal¹⁹.

Também no mesmo ano, não posso deixar de mencionar uma carta de 12 de julho de 1965²⁰ do então jovem Luiz Costa Lima. Ao se apresentar como “professor aposentado” logo nas primeiras linhas, o crítico, que viria a ser um dos principais teóricos da literatura no Brasil, sonda a possibilidade de uma “oportunidade para que no próximo ano eu fosse ensinar em Araraquara” (LIMA, 1965, não paginado), sob a justificativa de dificuldade orçamentária – lembrando que só no início da década de 1970 Costa Lima vem a concluir o seu doutoramento, sob orientação de Antonio Candido, efetivando o seu nome na teoria e crítica literárias. Pela carta, sobretudo

17. É certo que o exílio no Brasil muito se deve, também, pelas orientações de Ribeiro Couto, como se pode ver em uma correspondência de Couto (*apud* LEITE, 2016, p. 79) para Casais Monteiro: “[...] Vá matutando esta ideia: que é preciso que se faça alguma coisa, e a principal é o envio de professores portugueses, para aulas de alta cultura numa universidade, liceu ou coisa parecida [...]. Amadureça no seu espírito este projeto: ser você o professor que primeiro vá falar, no Brasil, do pensamento português moderno”.

18. Carta de 20 de outubro de 1965. Entrada nº E15/86-99.

19. Carta de 26 de novembro de 1965. Entrada nº E15/86-99.

20. Entrada nº E15/1986.

pelo tom confessional que ela contém, é possível demonstrar a precária situação que o ensino universitário no Brasil passava, afinal a ditadura empresário-militar brasileira se consolidava um ano antes, com seus rigorosos Atos Institucionais; o clima de incerteza fica evidente no seguinte trecho: “É este o ponto em que chegamos. Para que exerça uma carreira universitária e tenha condições de render naquilo que poderia dar uma contribuição ao meu país, tenho de incomodar os amigos” (LIMA, 1965, não paginado). Com isso, também pode-se observar como o recém criado Instituto de Letras de Araraquara já estava no radar de interesse de notórios nomes.

Ainda na pasta com o acervo referente à década de 1960, considero igualmente importante um documento ao referido diretor da FFCL de Araraquara (UNESP), que propõe um projeto de criação de um Centro de Estudos de Teoria e História da Literatura: “Como o projeto indica, trata-se de uma tentativa original, pois nada do gênero existe ainda no Brasil. [...] Trata-se de um *CENTRO* e não apenas de um curso [...]; um lugar onde sejam encontradas possibilidades de investigação e de criação” (MONTEIRO, 196?, não paginado, destaque do autor)²¹. Ao fim, esboçado o projeto que viria a funcionar como um “anexo à cadeira de Teoria da Literatura” (MONTEIRO, 196?, não paginado), Casais Monteiro anexa um “plano” daquilo que se pretendia pelo autor, um “lugar de trabalho [...], uma biblioteca como não existe nenhuma no Brasil” (MONTEIRO, 196?, não paginado).

Até aqui, procurei me orientar pelo fio da incerteza, ainda que, do espólio de Adolfo Casais Monteiro, mais sobressaíssem uma correspondência passiva, ou seja, com o poeta português como destinatário. Ainda assim, o intuito da pesquisa, que ora se materializa, foi sobretudo dar ênfase na relação do autor de *Considerações pessoais* com o Brasil, buscando demonstrar na correspondência não só os indícios de uma incerteza epocal pressentida, mas também suas **implicações**.

De um espólio volumoso, decerto muitos são os caminhos a percorrer. No entanto, para concluir, seria incoerente não mencionar um autor que, de algum modo, **prepara** o caminho da vida exílica de Casais e de outros portugueses forçados ao exílio, a saber: Fidelino de Figueiredo. Do crítico, figura de destaque pelos imprescindíveis contributos ao ensino de literatura em Portugal e sobretudo pela atuação pertinente na historiografia literária – fato que contribuiu diretamente para a sua contratação, em 1938, pela Universidade de São Paulo, que visava fortalecer o ensino de literatura portuguesa na ainda jovem USP –, quero destacar pelo menos três correspondências enviadas a Casais.

Em uma carta de 1944 e redigida em Lisboa²², Fidelino destaca a sua admiração para com o crítico de *Clareza e mistério da crítica*, sublinhando preliminarmente a figura de grande conhecedor da poesia brasileira, sobretudo pelos trabalhos dedicados a Manuel Bandeira; para o autor de *A luta pela expressão*, “Bandeira, homem encantador, é um dos meus melhores amigos daquele país” (FIGUEIREDO, 1944, não paginado). Mais adiante, ao focalizar o assunto

21. Entrada nº E15/125. Mesma cota para as duas citações seguintes no corpo do texto.

22. Carta de 24 de fevereiro de 1944 e endereçada ao “Editorial Inquérito Ltda.”, com Adolfo Casais Monteiro como destinatário. Entrada nº E15/1215.

da correspondência nos problemas de sua nação, o crítico a compara a um estado anêmico – o que certamente faz avultar a imagem da sonolência de um povo, presente no extenso poema de 1942 de Casais, *Canto da nossa agonia*; prossegue o autor da carta: “Quanto aos pulmões da inteligência nacional, também os acho em estado de anemia. Mas é tão difícil defender os pequenos pulmões da minha que nem posso entrever que médicos restaurarão a saúde àqueles” (FIGUEIREDO, 1944, não paginado). Confidência e admiração ficam circunscritas no final da carta, com o desejo de Fidelino de Figueiredo em conhecer pessoalmente o seu destinatário: “Teria muito gosto em o conhecer pessoalmente” (FIGUEIREDO, 1944, não paginado).

Dois anos depois, em uma carta agora redigida em São Paulo²³, Fidelino faz um “balanço” de suas ações e atividades no Brasil, com vistas a “concluir essas minhas verdadeiramente ‘últimas aventuras’. Depois, vou podar as roseiras do meu quintalório. [...] Cheguei ao fim tanto das ‘aventuras’ quanto da carta” (FIGUEIREDO, 1946, não paginado, aspas do autor). O que me interessa na citação é a corporização que ela dá ao argumento de que Fidelino de Figueiredo, de algum modo, prepara (no sentido de viabilizar), desde o Brasil, o caminho para as “missões” (Antonio Candido) estrangeiras em solo brasileiro.

Tal preparação pode ser verificada em uma carta de dezembro de 1952²⁴, um ano após Fidelino deixar definitivamente o Brasil por questões de saúde. Neste documento, o seu autor se dispõe a falar com o seu genro, o crítico (e posteriormente catedrático) Antônio Soares Amora, acerca dos planos de Casais Monteiro em deixar Portugal. Acredito que as palavras do autor de *Pyrene*, mesmo que abreviadas, sejam suficientes para ilustrar, como forma de conclusão, a relação de Casais com o Brasil, este mesmo país que foi, como o diz a Ribeiro Couto²⁵, uma “‘renovação’ na minha vida” (*apud* LEITE, 2016, p. 264, aspas do autor).

Conto que em janeiro possamos falar aqui com meu genro acerca da sua desejada viagem ao Brasil, se não com grande esperança, ao menos com a melhor diligência. Estimava muito que o meu caro Adolpho fizesse um estágio naquele clima natural e social. O calor do trópico precipita o amadurecimento do homem (FIGUEIREDO, 1952, não paginado).

Considerações finais

No rescaldo das comemorações do cinquentenário de morte de Adolfo Casais Monteiro, no ano de 2022, como é próprio de tais ocasiões o cotejo do “legado” de um autor, diversos eventos realizados confluíram em uma direção, o imprescindível ajustamento entre a poesia e a crítica, estes dois principais campos de atuação de Casais. Não que tal alinhamento entre poesia e crítica se dê pelo desencontro de ambas, mas justamente pela necessidade do

23. Carta de 12 de setembro de 1946. Entrada nº E15/1218.

24. Carta de 19 de dezembro de 1952, redigida em Lisboa. Entrada nº E15/1230.

25. Trata-se de uma carta datada de 1954, redigida em São Paulo, em que Adolfo Casais Monteiro informa ao amigo e poeta Ribeiro Couto que irá se fixar no Brasil. Esta correspondência pode ser consultada no volume organizado por Rui Moreira Leite (2016).

encontro, uma vez que, no percurso intelectual de Casais Monteiro, o **poético** nunca é abandonado, o que certamente o coloca ao lado de poetas-críticos como um Octavio Paz, ou de críticos como Maurice Blanchot.

Passados os cinquenta anos de morte de Casais Monteiro, muito se há para revisitar em um *corpus* plural que abrange poesia, uma tentativa de romance, crítica de poesia e de cinema, tradução. Penso que estudar a sua obra – e mesmo um passeio pelo seu espólio, ainda que sem qualquer interesse de se fazer crítica genética, como foi o objetivo deste trabalho –, para além de mantê-lo vivo entre nós, são também modos de dar continuidade a um consciente projeto de intercâmbio luso-brasileiro, questão que Casais dedica diversas páginas.

A ligação de Casais com o Brasil foi, portanto, muito maior que uma afinidade com um conjunto de poetas. Nisso Drummond (1981, p. 19) foi exato, ao afirmar em uma crônica de 1972 que Casais “não queria reivindicar a sujeição do Brasil a modelo ou matriz cultural do estrangeiro; queria contribuir para o esforço de nos descobriremos”. O Brasil e os brasileiros ainda têm muito a agradecer ao poeta-crítico Adolfo Casais Monteiro.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. [Correspondência]. Destinatário: Adolfo Casais Monteiro. Rio de Janeiro, 31 jul. 1949. 1 f. Acusa o recebimento de *Simplex canções da terra*, de Casais.
- ANDRADE, Carlos Drummond de.. Casais Monteiro e o Brasil. In: BELLODI, Zina M. (org.). *Cadernos de teoria e crítica literária - vol. 10*. Araraquara, SP: EdUnesp, 1981. p. 18-20.
- ANDRADE, Carlos Drummond de.. *Nova reunião*: 23 livros de poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. [Correspondência]. Destinatário: Adolfo Casais Monteiro. Lisboa, 195? 1 f. Convite para colaboração na revista *Távola Redonda*.
- ARAUJO, Rodrigo Michell, Uma leitura da incerteza em Adolfo Casais Monteiro. *Interdisciplinar: Revista de Estudos de Língua e Literatura*, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, vol. 38, 2022, p. 67-79.
- BANDEIRA, Manuel. [Correspondência]. Destinatário: Adolfo Casais Monteiro. Rio de Janeiro, 193?a. 2 f. Acusa o recebimento da obra *Versos*, de Casais, e faz uma síntese de seus primeiros livros.
- BANDEIRA, Manuel. [Correspondência]. Destinatário: Adolfo Casais Monteiro. Rio de Janeiro, 193?b. 1 cartão. Acusa o recebimento de *Sempre e sem fim*, de Casais.
- BLANC, Mafalda de Faria. *Metafísica do tempo*. Lisboa: Piaget, 1999.
- CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: LEITE, Rui Moreira; LEMOS, Fernando (orgs.). *A missão portuguesa: rotas entrecruzadas*. São Paulo: Editora UNESP; Bauru, SP: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2003. p. 15-21.
- COELHO, Jacinto do Prado. *Ao contrário de Penélope*. Amadora: Bertrand, 1976.
- CUNHA, Fausto. *A luta literária*. Rio de Janeiro: Lidador, 1964.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. [Correspondência]. Destinatário: Adolfo Casais Monteiro. Lisboa, 24 fev. 1944. 2 f. Acusa recebimento de oferta, um opúsculo sobre Manuel Bandeira, e comenta a situação do país.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. [Correspondência]. Destinatário: Adolfo Casais Monteiro. São Paulo, 12 set. 1946. 2 f. Relata seu estado de saúde e planos de regressar a Portugal.

- FIGUEIREDO, Fidelino de. *[Correspondência]*. Destinatário: Adolfo Casais Monteiro. Lisboa, 19 dez. 1952. 2 f. Trata de questões editoriais acerca de um inquérito.
- GILSON, Étienne. *O ser e a essência*. São Paulo: Paulus, 2016.
- LEITE, Rui Moreira (org.). *Correspondência: Casais Monteiro e Ribeiro Couto*. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- LEONE, Carlos. Um nosso século XX: duas hipóteses, três preocupações e uma conclusão provisória. *Revista Estudos do Século XX*, Coimbra, n. 9, 2009. p. 17-27.
- LIMA, Luiz Costa. *[Correspondência]*. Destinatário: Adolfo Casais Monteiro. Petrópolis RJ, 12 jul. 1965. 1 f. Consulta a possibilidade de emprego em Araraquara.
- LOURENÇO, Eduardo. Crítica literária e metodologia. *Revista O Tempo e o Modo*, Lisboa, 1ª série, nº 38-39, mai./jun., 1966. p. 563-576.
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. 9. ed. Lisboa: Gradiva, 2013.
- LOURENÇO, Eduardo. *O canto do signo: existência e literatura (1957-1993)*. Lisboa: Gradiva, 2017.
- MARTINS, Fernando Cabral. A Presença de Casais. In: MORUJÃO, Isabel; SANTOS, Zulmira. *Literatura culta e popular em Portugal e no Brasil: homenagem a Arnaldo Saraiva*. Porto: CITCEM; Edições Afrontamento, 2011. p. 88-92.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. Notas sobre poetas novos do Brasil. *Revista presença: folha de arte e crítica*, Coimbra, vol. 2, ano 5, n. 34, nov./fev., 1932. p. 14-15.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. Desvairios dum 'crítico'. *Revista Seara Nova*, Lisboa, nº 611, abr., 1939. p. 209-211.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. Poesia: intuição e razão. *Revista presença: folha de arte e crítica*, Coimbra, série 2, ano 12, nº 2, fev., 1940. p. 109-115.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. Ainda algumas notas sobre a poesia. *Revista Seara Nova*, Lisboa, nº 780, jul., 1942. p. 56-57.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. *[Correspondência]*. Destinatário: Alberto de Serpa. Lisboa, 7 abr. 1952. 1 f. Sobre tradução da obra de Casais.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. *[Correspondência]*. Destinatário: Direção da FFLC de Araraquara (Raphael Lia Rolfsen). Araraquara SP, 196? 3 f. Projeto com solicitação de criação de um Centro de Estudos de Teoria e História da Literatura.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. Ainda a traição dos poetas. *O Estado de S. Paulo, Suplemento Literário*, São Paulo, ed. 20 de março, 1965a. p. 42.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. *[Correspondência]*. Destinatário: Dir. Raphael Lia Rolfsen. Araraquara SP, 26 nov. 1965b. Queixas ao diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. Tendências predominantes da crítica. *Revista O Tempo e o Modo*, Lisboa, 1ª série, nº 38-39, mai./jun., 1966. p. 631-636.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. *Poesias Completas*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. *Considerações pessoais*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. *O país do absurdo*. Org. Carlos Leone. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.
- NATÁRIO, Maria Celeste. *Entre Filosofia e Cultura: percursos do pensamento filosófico-poético português nos séculos XIX e XX*. Sintra: Zéfiro, 2007.
- PASCOAES, Teixeira de. Renascença. *Revista A Águia*, Porto, 2. série, vol. 1, n. 1, jan., 1912. p. 1-3.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A crítica viva de Casais Monteiro. In: LEMOS, Fernando; LEITE, Rui Moreira (orgs.). *A missão portuguesa: rotas entrecruzadas*. São Paulo: Editora UNESP; Bauru, SP: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2003. p. 53-60.

PESSOA, Fernando. A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada. *Revista A Águia*, Porto, 2. série, vol. 1, n. 4, abr., 1912. p. 101-107.

PROENÇA, Raul. Porque não somos um partido político. *Revista Seara Nova*, Lisboa, n. 2, nov., 1921. p. 48-49.

REAL, Miguel. *O pensamento português contemporâneo (1890-2010)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011.

RÓNAI, Paulo. Adolfo Casais Monteiro: um conceito de estilo. In: BELLODI, Zina M. (org.). *Cadernos de teoria e crítica literária - vol. 10*. Araraquara, SP: EdUnesp, 1981. p. 60-67.

SIMÕES, João Gaspar. Do estilo. *Revista presença: folha de arte e crítica*, Coimbra, n. 8, dez., 1927. p. 1-2.

WISNIK, José Miguel. Drummond e o mundo. In: NOVAES, Adauto (org.). *Poetas que pensaram o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 19-64.